



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 31 – dezembro de 2023

<http://dx.doi.org/10.23925/1983-4373.2023i31p64-79>

**Subalternidade e maternidade: uma análise do conto “Forçadamente
Mulher, Forçosamente Mãe”, de Dina Salústio**

**Subalternity and motherhood: an analysis of the short story
“Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe”, by Dina Salústio**

*Ana Carolina da Silveira Costa Santiago**

RESUMO

Sob a luz da perspectiva feminista pós-colonial, esta breve análise propõe-se a analisar o conto “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, da autora cabo-verdiana Dina Salústio, que é parte da obra *Mornas eram as noites* (2002). Por meio deste artigo, pretende-se problematizar a identidade feminina subalterna na sociedade cabo-verdiana, tendo a gravidez precoce como problemática central. No rescaldo histórico de conflitos sociais, políticos e culturais, certos países africanos, como Cabo Verde, ainda possuem a maternidade precoce como uma adversidade comum a jovens meninas, comprometendo, assim, toda uma vida (ou duas). Com base em teorias pós-modernas, analisamos aspectos como subalternidade, o sujeito feminino e sua condição. Nesse sentido, tópicos como o feminismo e o pós-colonialismo, bem como obras de autoria feminina em Cabo Verde, são abordados. Através da personagem Paula, a obra de Salústio questiona a realidade tangível das mulheres cabo-verdianas.

PALAVRAS-CHAVE: Cabo Verde; Dina Salústio; Feminismo pós-colonial; Autoria feminina; Identidade

ABSTRACT

In the light of the post-colonial feminist perspective, this brief analysis proposes to analyze the short story “Forçadamente Mulher, Forçosamente Mãe”, by Cape Verdean author Dina Salústio, which is part of her short story collection *Mornas era as noites* (2002). Through this article, we intend to problematize the subaltern female identity in Cape Verdean society, having early pregnancy as a central issue. In the historical result of social, political and cultural conflicts, certain African countries, such as Cape Verde, still have early motherhood as a common adversity for young girls, thus compromising a lifetime (or two). Based on postmodern theories, we analyze aspects such as subalternity, the female subject and her condition. In this sense, topics such as feminism and post-

* Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN; Programa de Pós-Graduação em Letras – Pau dos Ferros – RN – Brasil – anasantiago@alu.uern.br



**Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e
Crítica Literária da PUC-SP**

nº 31 – dezembro de 2023

colonialism, as well as female authorship in Cape Verde are addressed. Through the character Paula, Salústio's work questions the tangible reality of Cape Verdean women.

KEYWORDS: Cape Verde; Dina Salústio; Post-colonial feminism; Female authorship; Identity

Introdução

Com o surgimento dos Estudos Culturais e Pós-coloniais, a literatura de minorias emerge engajada em questões antes marginalizadas como o feminino, o periférico, o imigrante. Com sua ansiedade por discussões e quebra de silêncios inquietantes, essas áreas de pesquisa deram oportunidade de debate sobre o exorcismo dos costumes patriarcais. Na análise aqui apresentada, teremos a identidade e a alteridade da personagem feminina em foco como sujeito pós-colonial e subalterno. Dina Salústio é uma escritora cabo-verdiana, autora do conto “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, que integra a obra *Mornas eram as noites* (2002). Suas produções, em maioria, descrevem com frequência as vivências femininas, em específico, as vivências de mulheres de Cabo Verde.

De acordo com Bhabha, faz-se necessário manter a memória traumática viva para que a identidade possa ser construída a partir da superação, “[...] é através da sintaxe do esquecer – ou do ser obrigado a esquecer – que a identificação problemática de um povo nacional se torna visível” (1998, p. 226). Dina Salústio (2002), a partir de experiências do seu entorno, faz registros sobre o cotidiano feminino, as memórias traumáticas, instigando polêmicas e provocando rupturas nos comportamentos impostos a essas mulheres. Em consonância com as ideias de Salústio, temos Santos, que comenta,

Em Cabo Verde, conhecer a cultura em que vivem e também a si próprias é a proposta das escritoras, cujas formas poéticas e narrativas percorrem uma geografia de afetos e modos de estar. O pensamento lógico registra os movimentos do desejo pelos caminhos do mundo social vigente e visível. Lendo os textos das escritoras, descobrimos pontes que interligam formas, gêneros, temas que intercambiam sujeitos, caracteres e sentimentos. As intimidades do fazer percebidas pelo foco feminino são matérias vivas de expressão, veículos promotores de transição entre mundos singulares, aproximando-os e forjando novas formas de história (2015, p. 177).

Na busca por forjar essas novas histórias, Dina Salústio, assim como muitas outras escritoras, vai além da problematização de questões sociais silenciadas. Faz-se necessária uma luta dentro do campo literário para que, assim, o espaço de circulação de suas ideias seja conquistado, “[...] tácita e declaradamente classificados como representantes de uma literatura menor, eles (os escritores e escritoras) terão de buscar também para a sua escrita um território de libertação” (Dias, 2016, p. 109). Segundo Amadiume (2001), foi a partir

dos anos 1960 que se multiplicaram as esferas preocupadas em lidar com as questões das mulheres em África, abrangendo temas como

[...] emancipação política; educação e treinamento; empoderamento econômico; problemas dos programas de ajuste estrutural; acesso das mulheres a melhores empregos; acesso mais fácil às mulheres ao crédito para negócios geradores de renda ou compra de terrenos ou propriedades; mulheres e saúde, o que destaca a necessidade das mulheres de ter acesso a serviços de saúde, particularmente saúde reprodutiva e sexual; meio ambiente e saúde; mulheres e o estado — a questão da guerra, das violações, da repressão e da violência estatal; mulheres e políticas —, a questão da liderança e da participação política; mulheres e direitos e justiça social — isto é política, reforma jurídica e ações concretas para empoderar as mulheres; e assim por diante (Amadiume, 2001, p. 48,49)¹.

Desse modo, vários movimentos são formados para retratar e denunciar certas realidades, permitindo compartilhar conhecimento e conferindo-lhes profundidade crítica. O feminismo “decolonial” surge como um desses movimentos para não somente ser mais uma vertente onde se enquadra um grupo específico de mulheres, mas também para

[...] afirmar nossa fidelidade às lutas das mulheres do Sul global que nos precederam. É reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram. É receber suas heranças. [...] O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência (Vergès, 2020, p. 35).

Como foi comentado anteriormente por Vergès, o feminismo decolonial tem sua gênese na luta pelo direito de existir na esfera do gênero, da “raça” e do poder. Essa ideia de feminismo decolonial está alinhada com ideias do grupo latino-americano Modernidade/Colonialidade, que realizou, em 1998, o primeiro encontro entre estudiosos das ciências sociais. Tal evento contou com nomes como o de Dussel, Quijano, Mignolo,

¹ “[...] political emancipation; education and training; economic empowerment; problems of Structural Adjustment Programs (SAPs); women’s access to better jobs; women’s easier access to credit for income generating businesses or purchase of land or property; women and health, which highlights women’s need for access to health services, particularly reproductive and sexual health; environment and health; women and the state — the question of war, violations, repression, and state violence; women and politics — the question of leadership and political participation; women and rights and social justice — that is policy, legal reform, and concrete actions to empower women; and so on” (Todas as traduções do inglês são de nossa autoria).

Grosfoguel, Palermo (Ballestrin, 2013, p. 90), com grandes repercussões na crítica de Maria Lugones e Karina Ochoa, pesquisadoras que também estão inseridas nos estudos decoloniais, com destaque ao recorte de gênero, enfatizando perspectivas feministas. Trocando em miúdos, a problematização desse existir “teórico” pode ser resumida no “existir prático” das personagens de Dina Salústio. Nas suas representações, nem sempre esse existir quer dizer estar vivo, as pessoas/personagens podem estar vivas neste mundo palpável, mas se encontrarem completamente apáticas, apagadas e silenciadas. Muitas mulheres passaram e passam por tais situações cotidianamente, caem no esquecimento e vivem automaticamente para reproduzir e cuidar do outro. Vale ressaltar também a falta de reconhecimento sobre essas duas *commodities* femininas, a reprodução e o trabalho do cuidado, duas mercadorias que não são valorizadas no sistema capitalista patriarcal em que estão inseridas e que, se possível afirmar, são a base para a manutenção desse sistema feito por homens. Essa estrutura colonizadora e patriarcal que mantém as mulheres à margem dos reais interesses político-sociais é a mesma que demanda o trabalho “invisível”, mas essencial.

As adversidades que são impostas ao acesso à educação e a imposição de modelos colonizadores e patriarcais, como o imperialismo do colonizador branco, são fatores que estão diretamente ligados ao modelo de vida que essas mulheres possuem, e se faz urgente uma “desestabilização das estruturas patriarcais” (Schmidt, 2010). De acordo com Schmidt,

[...] é indispensável acreditar que as energias feministas no campo dos estudos literários têm a potencialidade de interferir no discurso crítico, revitalizar o ensino e fecundar uma agenda educativo-pedagógica-política capaz de interromper as continuidades históricas das exclusões, da violência e do preconceito. Essa interrupção implica a desestabilização das estruturas patriarcais, a transgressão de paradigmas binários, vigentes no campo social e no campo científico, a descolonização do pensamento em sentido amplo e irrestrito e a reinvenção de subjetividades (2010, p. 270).

A desestabilização das estruturas patriarcais se faz necessária para que seja possível a reorganização das novas identidades. Meninas são socialmente condicionadas desde o seu primeiro dia de vida a se tornar aquelas que cuidam, que não questionam e muito menos opinam. Em países mais desenvolvidos, esse ainda é um ideal predominante, mas que já vem se tornando motivo de insatisfação por parte de muitas mulheres. Sobretudo nos países do Sul global, ainda são muitos os dominados pelo pensamento de

que o sujeito feminino nasceu com o seu papel predestinado a amar, a zelar e a cuidar. Ao ilustrar um padrão social tradicional do Norte global, a escritora Charlotte Perkins Gilman, branca, tem um pensamento um tanto polêmico que contempla as mulheres de forma geral em relação ao seu valor e como são vistas pela sociedade. Ela as compara a cavalos.

O trabalho das mulheres dentro de casa sem dúvida permite aos homens produzir mais riqueza do que normalmente conseguiriam; desta forma as mulheres têm papel econômico ativo na sociedade. Mas o mesmo vale para os cavalos. O trabalho dos cavalos permite aos homens produzir mais riqueza do que normalmente conseguiriam. Os cavalos têm papel econômico ativo na sociedade, mas não têm independência financeira, assim como as mulheres (Gilman, 1898, p. 13).²

Gilman, com sua analogia sobre mulheres e cavalos, escancara mais ainda a problemática sobre a desvalorização das *commodities* femininas comentadas anteriormente. Com essa binaridade, em que os homens trabalham para produzir suas riquezas e as mulheres trabalham para os homens, uma série de questões passa a incomodar uma parcela dessas mulheres. Guardadas as diferenças, a problematização de Gilman ecoa nas tensões provocadas na literatura de Salústio. A se iniciar com a obrigação de gerar e gerir a prole do homem, a gravidez precoce, o abandono parental (geralmente praticado pelos homens), o sofrimento e as dificuldades de se criar filhos sozinha são alguns elementos que se destacam na literatura de Salústio. Contudo, diferente da idealidade do lar em Gilman, a mulher africana não tem a promessa recompensadora do conforto no seu abrigo/casa. O abandono da mulher revelado por Salústio é muito mais profundo. São temas caros à literatura decolonial e que podem, sim, interferir diretamente nos discursos hegemônicos, construindo um novo caminho de escolhas para essas mulheres.

Junto com Orlanda Amarilis, Vera Duarte, Sara Almeida e Fátima Bettencourt, Dina vai delineando, em solo crioulo, uma escritura feminina, pintando e tecendo, através da experiência e do caminho de autoconhecimento, quadros vivos do seu povo e do seu país que nos permitem reconhecer um pouco mais do *modus vivendi* no arquipélago. E vai além, na assunção de uma consciência da condição mulher e na reavaliação da condição humana (Gomes, 2008, p. 237).

² “The labor of women in the house, certainly, enables men to produce more wealth than they otherwise could; and in this way women are economic factors in society. But so are horses. The labor of horses enables men to produce more wealth than they otherwise could. The horse is an economic factor in society. But the horse is not economically independent, nor is the woman”.

A partir dessa escrita sobre as experiências e sobre a identidade construída ao redor do indivíduo feminino cabo-verdiano, levantam-se os questionamentos acerca dessas mulheres ilhadas geograficamente e ilhadas de si mesmas. A discussão do presente trabalho consiste em uma análise sobre a identidade feminina como indivíduo subalterno na ilha de Cabo Verde, as exposições de injustiças sociais, as tentativas de apagamento e silenciamento, bem como a construção dessa identidade. Ressalta-se que esta análise é escrita sob a perspectiva de uma mulher branca que carrega uma visão preestabelecida, mas que o faz na tentativa de contribuir e desenvolver mais criticidade no entorno de um tema tão caro como este. Vale salientar também que, mesmo não partindo da mesma posição de uma cabo-verdiana, estou inserida no sistema capitalista patriarcal que também tenta me manter na posição de sujeito subalterno e marginalizado. Partindo desse pressuposto, as realidades entre Brasil e Cabo Verde, no que diz respeito às mulheres, podem ser bastante similares.

1 Identidade feminina em Cabo Verde

Para Gomes, Salústio “[...] inaugura uma nova forma de comunicar e um novo modo de percepção do mundo” (2008, p. 220) no que diz respeito à ficção cabo-verdiana. Ela está falando sobre o enfoque que a autora dá às mulheres, sua condição como sujeito na ilha onde são a maioria, mas não são vistas como participantes ativas do desenvolvimento socioeconômico e cultural.

A mulher é normalmente chamada a realizar tarefas na agricultura, como a sementeira, a colheita, o descasque e a transformação do produto; por vezes, faz trabalhos pesados, como carregar pedregulhos ou latões de cascalhos à cabeça na frente de abertura de estradas na rocha, ajudando o homem, ao mesmo tempo em que se desdobra para cumprir tarefas domésticas, como cuidar do filho pequeno, transportar lenha, recolher água (para o que precisa percorrer grandes trajetos), ou fazer funcionar o grande fogão de pedra (Gomes, 2008, p. 162).

Conforme nos fala Simone Caputo Gomes, podemos perceber que as mulheres cabo-verdianas são basicamente o cerne para tudo que é desenvolvido na ilha. Elas trabalham tanto em atividades menos penosas quanto em práticas que exigem mais força bruta e condicionamento físico. Visto que essas mulheres são de suma importância para

o crescimento de Cabo Verde, é possível afirmar que sua emancipação é essencial à vida delas.

Ser mulher em um país do Sul global parece ser uma das questões mais problemáticas. Mesmo após o início da desconstrução da narrativa colonizadora, o “padrão colonizador” persiste, principalmente sobre as mulheres. Esse coletivo feminino, sem sair de sua ilha, é forçado a mudar de si, vivendo uma espécie de diáspora. E aqui entendemos que a diáspora, de acordo com Hall, “[...] está fundada sobre a construção de uma fronteira de exclusão do outro” (2003, p. 33), nesse caso na exclusão da mulher. Dito isso,

[...] entre o patriarcado e o imperialismo, a constituição do sujeito e a formação do objeto, a figura da mulher desaparece, não em um vazio imaculado, mas em um violento arremesso que é a figuração deslocada, da ‘mulher do Terceiro Mundo’, encurralada entre a tradição e a modernização (Spivak, 2010, p. 119).

Esse indivíduo feminino, como é observado por Spivak, se encontra confinado em um “entre-lugar” nem tradicional, nem moderno, perdido no limbo do desenvolvimento político, identitário e sociocultural. A afirmação da autora dialoga com a fala de Fátima Bettencourt,

Elas na verdade vegetavam por aí, pelas sombras da casa. Quietas e calmas iam tendo os filhos, os que Deus mandava e os maridos determinavam, mas nem o amor nem a dor as faziam soltar um suspiro que fosse que delas desse sinal de presença. Como vagos fantasmas faziam a lida da casa, se pensavam ninguém sabia, se sonhavam ninguém jamais suspeitara (*apud* GOMES, 2001, p. 177).

Mergulhadas no limbo da própria existência, mesmo sendo uma das principais figuras para a construção histórica de Cabo Verde, as mulheres passam a ser visíveis e engajadas na sociedade a partir do período pós-independência (1975), junto aos movimentos civis, como por exemplo, o feminismo. Elas passam a ter uma sensação estranhamente familiar, a de se sentirem deslocadas sem necessariamente sair do lugar – “[...] talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Queda, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, ‘não estamos em casa’” (Hall, 2003, p. 27). Junto ao descontentamento com o sistema opressor colonialista e patriarcal, as mulheres cabo-verdianas, possivelmente, queriam mais do que viver ilhadas em suas próprias casas, reféns de seus maridos. A literatura, então, problematiza essa

história das mulheres, do feminino e do masculino, os aspectos culturais que compõem a identidade de um coletivo.

É interessante destacar que estamos falando sobre mulheres da ilha de Cabo Verde, mas que em muitos momentos podem ser mulheres de muitos outros países, como, por exemplo, o Brasil. A escritora brasileira Conceição Evaristo expressa bem a realidade de mulheres brasileiras, em especial as negras. O conto “Os amores de Kimbá” (2015) relata a história de um jovem negro, morador de uma favela carioca. Kimbá, apesar de ser o personagem principal da história, divide um espaço insalubre com as suas irmãs, mãe e avó, que também sofrem com o descaso social e político, realidade muito comum nas favelas brasileiras. Ser mulher e negra em Cabo Verde ou no Brasil tem suas similaridades, “[...] ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão” (Gonzales, 1982, p. 97).

Retomando a vida em Cabo Verde e as “escrevivências”³ de Dina Salústio, Teresa Salgado comenta que estas são “[...] verdadeiras crônicas vivas e expressivas da vida do cabo-verdiano, podendo exprimir a dor, a alegria, a nostalgia, os problemas existenciais, a esperança” (2008, p. 38). Apesar de muitas dificuldades, também há suas alegrias e boas expectativas. Ainda que vistas como inferiores ao homem, as mulheres cabo-verdianas, em sua maioria, são as chefes da família, trabalham fora para o sustento de seus filhos e são, geralmente, mães-solo (Gomes, 2008). E, mais uma vez, não se pode deixar de notar a similaridade com a realidade de muitas brasileiras.

Questionar os essencialismos de raça e gênero, assim como também os discursos hegemônicos, é transcrever a realidade para transcendê-la. Com uma história cultural suprimida entrelaçada a uma história individual reprimida, procura-se construir uma nova narrativa em que as mulheres cabo-verdianas possam emergir dessa dupla obscura identidade subalterna onde elas foram inseridas. Sob uma perspectiva feminista pós-colonial, a seguir será feita uma sucinta análise sobre o conto “Forçadamente mulher, forçosamente mãe”, que aborda a gravidez precoce e o amadurecimento forçado de jovens mulheres em Cabo Verde.

2 Forçadamente mulher, forçosamente mãe

³ Junção das palavras “escrever e vivência”, termo cunhado pela linguista e escritora Conceição Evaristo.

“Forçadamente mulher, forçosamente mãe” é um conto que integra a obra *Mornas eram as noites* (2002), formada por 35 narrativas que abordam temas como as relações familiares, a violência, a pobreza e as memórias, mas sempre tendo como foco a condição feminina, a identidade da mulher cabo-verdiana em meio a todas essas questões.

O conto é breve e intenso. Paula é o nome da personagem principal, uma jovem de 16 anos descrita como feliz, dançante e colecionadora de sonhos, mas agora grávida: “[...] que é dos sonhos? Hoje carrega penosamente uma barriga enorme. Sozinha” (Salústio, 2002, p. 35). É possível observar, logo no início, a insatisfação de Salústio e a tristeza de Paula, e vice-versa. Embora a maternidade seja algo relevante para muitas etnias, ela não deveria ser algo inerentemente decretado para mulher nenhuma, especialmente jovens que ainda estão em formação. Segundo Badinter,

[...] é em função das necessidades e dos valores dominantes de uma dada sociedade que se determinam os papéis respectivos do pai, da mãe e do filho. Quando o farol ideológico ilumina apenas o homem-pai e lhe dá todos os poderes, a mãe passa à sombra e sua condição se assemelha à da criança (1985, p. 26).

Badinter, apesar de ser uma filósofa francesa e vir de uma outra realidade, possui ideais que refletem para além do seu meio, resvalando também em mulheres de países do Sul global. A questão nem sempre é a gestação em si, mas toda a problemática envolvida, pois a mulher passa a ficar duplamente obscurecida, sob a sombra do marido, sob a sombra da criança, quando muito, se iguala a esta última. Através de uma trajetória decolonial, vai se construindo uma narrativa e uma nova identidade para a mulher cabo-verdiana. Assim como Paula, são várias as mulheres que se encontram em um contexto de invisibilidade, “[...] uma vez que são respeitadas apenas quando aceitam cumprir com aquele que seria supostamente o seu papel fundamental em sua cultura – o de mãe” (Mendes, 2017, p. 2-3). A citação de Mendes é relacionada ao trabalho da romancista Yvone Vera, do Zimbábue, mas nitidamente contempla a cultura de muitos lugares.

“Aos dezesseis anos não se devia ter filhos. A Natureza não soube fazer contas. Aos dezesseis anos não se devia carregar culpas. Nem vergonhas” (Salústio, 2002, p. 35). A princípio, uma jovem grávida, para muitas culturas, principalmente em países em desenvolvimento, é algo normal, rotineiro. Porém, na visão da crítica feminista, essa questão possui implicações políticas em todos os níveis possíveis, como, por exemplo, a falta de acesso de jovens meninas à educação, à saúde e ao conhecimento formal.

A narrativa de “Forçadamente mulher, forçosamente mãe” relata a partida de um sujeito em detrimento da chegada de outro, a partida da jovem menina para a chegada da mulher/mãe. “Paula perdeu o olhar meigo e livre de adolescente. Agora apenas um rostinho triste e resignado [...]” (Salústio, 2002, p. 35). Aparentemente o relato dessa narrativa é algo muito próximo ao mundo palpável de Cabo Verde.

No interior das estruturas sociais, as mulheres, desde tenra idade, realizam tarefas quotidianas com o objetivo de manter o bem-estar da família. É comum ver, especialmente nos espaços rurais, meninas carregando água, catando lenha, vendendo verduras, cuidando dos irmãos menores e dos animais de pequeno porte necessários ao sustento da casa (Santos, 2015, p. 179).

Mais uma vez é possível observar a exploração seguida da desvalorização do trabalho feminino. Estudiosas feministas enfatizam que o sistema global superexplora o trabalho da mulher de duas formas: as assalariadas que, apesar de trabalhadoras, recebem remunerações menores que a dos seus colegas do sexo masculino, e estas ainda continuam produzindo uma gama de recursos não remunerados, como a reprodução do trabalho por meio de seus corpos, provisionamento doméstico geral e cuidado para com os membros da família (Dunaway, 2012). A inserção do trabalho na vida de jovens meninas não deve ser algo normalizado, esse tipo de socialização feminina desde a infância destrói muitas mulheres antes mesmo de elas descobrirem quem são. A personagem Paula, mulher colonizada e subalterna, muito provavelmente não terá a oportunidade de crescer exponencialmente em sua vida e, vejam bem, aqui não está sendo dito que é impossível que ela tenha uma perspectiva de vida melhor, mas que as dificuldades serão bem maiores dada a sua condição.

De acordo com Spivak, é evidente que “[...] se você é pobre, negra e mulher, está envolvida de três maneiras” (2010, p. 85) como sujeito subalterno, ou seja, é possível que se esteja um pouco mais abaixo do que o próprio homem negro e pobre.

A narradora observadora continua e inclusive participa da história dando sua opinião acerca do contexto em que Paula se encontra. “Queria vê-la com raiva. Revoltada. Decidida. Mas, por Deus, aos dezesseis anos quem pode ter essa força toda? Quem pode estar tão armado?” (Salústio, 2002, p. 35). Por um momento, ela deseja de Paula maturidade para enfrentar aquela situação com garra, mas logo recorda que a jovem menina há pouco saíra de sua fase pueril. E a narradora continua,

Queria que ela e todas elas se juntassem e calassem para sempre os latidos daqueles que perseguem manhosamente as nossas meninas na quietude das noites. Com o seu ódio. E que os desfizessem com as suas mãos de mães abandonadas. E os afogassem impiedosamente nas lágrimas de todas as crianças traídas. E esfomeadas (Salústio, 2002, p. 35).

Como se observa, a revolta da narradora fica mais evidente. O que também fica evidente, porém subentendido, é que essas meninas engravidam de forma violenta, não consensual e forçadamente. A referência ao calar dos “latidos” nos permite inferir que Salústio chama os homens de selvagens, comparando-os a animais. Os homens também ocupam a condição de subalternidade, mas fazem da mulher “duplamente subalterna”. Além disso, eles são os grandes vilões na vida dessas meninas/mulheres. Sara Sureli comenta que “não há mulheres no terceiro mundo” (1989, p. 20), estas são, em sua maioria, emudecidas e apagadas histórica e socialmente. São tratadas, em grande parte, como objetos, corpos desumanizados, úteros reprodutores.

Aqui é interessante trazer uma citação de Hall (2003) que talvez transmita uma energia semelhante à de Dina Salústio, quando expurga toda aquela sensação odiosa em relação ao que os homens fazem com as meninas na calada da noite. Assim como as mulheres no mundo palpável, a crítica feminista no mundo literário teve que forçar um pouco violentamente sua entrada nos estudos e discussões relevantes.

Sabe-se o que aconteceu, mas não se sabe quando nem onde se deu o primeiro arrombamento do feminismo. Uso a metáfora deliberadamente; chegou como um ladrão à noite; invadiu; interrompeu; fez um barulho inconveniente, aproveitou o momento, cagou na mesa dos estudos culturais (Hall, 2003, p. 209).

Hall, em sua fala, utiliza a metáfora do arrombamento para demonstrar como o feminismo e seus estudos chegaram nas teorias, sejam elas sociais, políticas, literárias. Em se tratando do mundo feminino, nenhum direito é conquistado sem luta. Alguns críticos podem achar que calar/afogar (diga-se eliminar), palavras utilizadas por Dina Salústio em seu conto, é um exagero partindo de alguém que procura “igualdade”. Todavia, a questão é que, para as mulheres em especial, as duplamente, triplamente subalternizadas, nada quase nunca é conquistado apenas com o poder do diálogo e da racionalidade. Talvez realmente seja necessário “cagar na mesa” para de fato ser reconhecida e valorizada.

No corpo de Paula pousa o peso não somente da criança que está para nascer, mas também da pressão social, patriarcal e colonizadora que ainda paira e deve ser combatida. O conto se encerra destacando a vulnerabilidade feminina e escancarando as desigualdades dentro da própria sociedade cabo-verdiana, onde, se assim pudermos inferir, a mulher é subalterna do subalterno.

Mas Paula chora às escondidas. E tem esperança. Ainda. Porque a esperança dos dezesseis anos é a última coisa a deixar-se ir. Mas secará com o primeiro leite do primeiro filho. Secará como os sonhos da adolescente forçadamente mulher. Forçosamente mãe. Para setembro haverá calor (Salústio, 2002, p. 36).

Para setembro haverá mais uma jovem menina que trocará seus sonhos de moça pelo peso de criar um filho, uma metamorfose extremamente dolorosa, mas incrivelmente normalizada em muitos países ainda hoje. Segundo Gomes, essa é uma realidade muito comum em Cabo Verde.

É elevado o número de mulheres donas-de-casa, assim como altíssima a taxa de analfabetismo na faixa de mulheres com idade superior a 25 anos (entre 80 e 90% na década de 1980). A maternidade precoce, a alta taxa de aborto clandestino, o alcoolismo e a prostituição, aliados ao analfabetismo, são entraves significativos à emancipação feminina neste contexto (Gomes, 2008, p. 163).

É interessante ressaltar que cerca de 60% da população de Cabo Verde é feminina (Gomes, 2008) e é de se estranhar que, apesar de ser a maior parte constituinte dessa sociedade, a mulher continue em uma posição excludente. Paula é o reflexo da sina da vida de muitas outras mulheres no arquipélago, pessoas que continuam carregando o peso de uma vida árdua e financeiramente dependente. Encontramos, no conto, uma jovem alienada e exilada de si como efeito da sociedade em que está inserida. Apagada socialmente, ela se torna mais um número que continuará tentando (ou não) sobreviver nessa condição ou mudá-la.

Conclusão

Os estudos culturais e pós-coloniais possibilitaram a inserção de sujeitos marginalizados e subalternizados nas pautas e discussões literárias. Junto à onda feminista dos anos 1970, surgiu um incômodo entre as mulheres de todo o mundo, dos países

desenvolvidos àqueles em desenvolvimento. Entre os grupos cuja expressão passou a se manifestar em prol dos direitos femininos e críticos dessa condição subalterna, estão as escritoras, com destaque para Dina Salústio.

As narrativas de Salústio possuem um tom documental, visto que apresentam problemas ainda existentes na ilha de Cabo Verde. Quanto a isso Spínola diz que,

São contos, ou talvez crónicas. Crónicas do dia a dia, vividas e não-vividas, imaginadas e não-imaginadas, ora de plangências profundas, ora de deleitantes constatações ou reimpressões de factos. [...] são também histórias, histórias do quotidiano, reais e virtuais, imaginários deste mundo nosso, concêntrico e circular, enrolado sobre si mesmo e sobre suas vísceras (1998, p. 207).

A realidade palpável se entrelaça à ficção, construindo o conhecimento crítico e reavaliando ideais acerca da trajetória de mulheres na ilha. Em muitas leituras, nos deparamos com adjetivos como “fortes”, “trabalhadoras”, “corajosas” para descrever as mulheres, mães, irmãs, filhas das obras de Dina Salústio, mas me recuso a enaltecer esse tipo de descrição, pois valida erroneamente o contexto em que essas mulheres crescem e são inseridas. Dizer que uma mulher é “forte”, alegando-se que, mesmo após estupro, continua vivendo em sociedade; ou que é “corajosa”, visto que está grávida aos 16 anos e não há ninguém além dela para criar o seu filho, é normalizar situações que devemos repudiar avidamente.

O intuito de se estudar o sujeito feminino deveria ser mais evidenciado, pois a partir de investigações em torno da mulher e de suas representações é que tudo se cria, inclusive o próprio ser humano. Abandonar o pressuposto de que elas não são capazes de ser indivíduos emancipados se faz urgente. Chimamanda Adichie comenta que “[...] a cultura não faz as pessoas. As pessoas que fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (2017, p. 48). Assim, mudar a cultura não quer dizer necessariamente abandonar todos os costumes e hábitos de um povo, etnia, país, mas reavaliar esses costumes para que haja a promoção da integração feminina em sociedade.

Com um teor melancólico e desafiando à tradição, Dina Salústio questiona a realidade palpável em que se inserem muitas mulheres, em especial, as cabo-verdianas. A maternidade precoce é mais do que uma questão pessoal, é uma questão política. Impossibilitada, ao menos momentaneamente, de continuar sonhando seus próprios sonhos, Paula agora terá de sonhar os sonhos dos outros. A falta de perspectiva para uma

jovem mãe sem suporte parental e econômico a enclausura. O esforço para quebrar esse paradigma vai se tornando um pouco mais árduo. As ansiedades femininas observadas no conto tecem uma ideia sobre a identidade e a subjetividade nos cotidianos femininos do arquipélago de Cabo Verde. Refletir para subverter se faz necessário.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. N. **Sejamos todos feministas**. Trad. Christina Baum. Companhia das Letras: São Paulo, 2017.

AMIUDE, I. African Women: Voicing feminisms and democratic futures. *In*: A. I. SAMATAR. **International Feminisms: Divergent Perspectives**. Macalester International, v. 10, article 9, p. 47-68, spring, 2001. Disponível em: <https://digitalcommons.macalester.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1244&context=macintl>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio - agosto de 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BAHRI, D. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 2, p. 659-683, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000200018>. Acesso em: 28 nov. 2023.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

DUNAWAY, W. A. The Semiproletarian House hold over the *Longue Durée* of the Modern World-System. *In*: LEE, Richard (ed.). **The Longue Durée and World-Systems Analysis**. Albany: State University of New York Press, p. 97-136, 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228784773_The_Semiproletarian_Household_over_the_Long_Duree_of_the_Modern_World-System. Acesso em: 28 nov. 2023.

EVARISTO, C. Os amores de Kimbá. *In*: C. EVARISTO. **Olhos D'água**. Rio de Janeiro: Pallas Fundação Biblioteca Nacional, 2015.

GAMA-KHALIL, M. M. O espaço do fantástico como leitor das diferenças sociais: uma leitura de O homem cuja orelha cresceu. **O eixo e a roda: Revista de literatura brasileira**, Belo Horizonte, v. 17, p. 89-102, 2008. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/281042189_O_espaco_do_fantastico_como_1

[eitor das diferenças sociais uma leitura de O homem cuja orelha cresceu](#). Acesso em: 13 jun. 2023.

GILMAN, C. P. **Women and economics**. A study of the economic relation between men and women as a factor in social evolution. Boston: Small, Maynard & Company, 1898.

GOMES, S. C. (org.). **Literatura Cabo-verdiana**: leituras universitárias. Cáceres: UNEMAT, 2015.

GONZALEZ, L. A mulher negra na sociedade brasileira. *In*: M. T. LUZ, (org.). **O lugar da mulher**: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

HALL, S. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende, Ana Carolina Escosteguy, Cláudia Álvares, Francisco Rüdiger, Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MENDES, M. E. P. S. M. Configurações da maternidade africana em Yvonne Vera: em busca de novos olhares. *In*: 13º MUNDOS DE MULHERES & FAZENDO GÊNERO 11, 2017, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**, Florianópolis: UFSC, 2017, p. 1-12.

Disponível em:

http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1503784765_ARQUIVO_CONFIGURACOESDAMATERNIDADEAFRICANAEMYVONNEVERA26ago.pdf

. Acesso em: 28 nov. 2023.

SALGADO, M. T. Noites nada mornas de Dina Salústio: a oportunidade do diálogo. **Abril**, Niterói, v. 1, n. 1, p. 36-40, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/revistaabril/article/view/29835>. Acesso em: 15 jun. 2023.

SALÚSTIO, D. **Mornas eram as noites**. 3. ed. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional, 2002.

SPÍNOLA, D. Mornas eram as noites. *In*: M. VEIGA (org.). **Cabo Verde**: insularidade e literatura. Paris: Karthala, 1998.

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERGÈS, F. **Um feminismo decolonial**. Trad. Jamille Pinheiro Dias, Raquel Camargo. São Paulo: Ubu editora, 2020.

Data de submissão: 19/07/2023

Data de aprovação: 31/10/2023